

Nei Braz Lopes, nome autoral **NEI LOPES**, nascido no subúrbio carioca em 1942, é autor e intérprete de música popular, além de poeta, ensaísta e ficcionista, com vasta obra publicada. No universo das agremiações carnavalescas, foi componente, compositor e membro da velha-guarda da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, de 1963 a 1989. Depois foi dirigente no Departamento Cultural da escola de samba Unidos de Vila Isabel, para a qual, no início da década de 1990, criou dois enredos, desenvolvidos pelo Departamento de Carnaval. Como compositor profissional, sobretudo no gênero samba, consolidou um amplo repertório gravado, a partir de 1972, por grandes nomes da música popular brasileira, como Alcione, Beth Carvalho, Chico Buarque, Clara Nunes, Djavan, Dona Ivone Lara, Elza Soares, Elizeth Cardoso, Grupo Fundo de Quintal, Ivan Lins, Martinho da Vila, Milton MPB4, Roberto Ribeiro, Zeca Pagodinho, Zezé Motta etc., além de registros em sua própria voz.

Desde a década de 90, Nei vem se empenhando em romper a barreira que separa o samba da música popular mais ampla, em parcerias com Guinga, Fátima Guedes, João Bosco, Ed Motta, Zé Renato, também intérpretes das canções; e, principalmente, com o legendário maestro Moacyr Santos, no projeto “Ouro Negro” (2001), do qual resultaram canções gravadas por Gilberto Gil, Milton Nascimento, Djavan, além dos já mencionados Ed Motta e João Bosco.

Independente de sua obra de cancionista com mais de 350 títulos fixados e multiplicados em inúmeras regravações, Lopes recebeu aplausos da crítica teatral de Rio e São Paulo como autor, sem parceiros, da trilha sonora do musical “Bilac Vê Estrelas”, de Heloisa Seixas e Júlia Romeu. No ano seguinte, pelas canções compostas para o referido musical, foi agraciado, na categoria “Música”, com o 28º Prêmio Shell de Teatro, o Troféu Bibi Ferreira e o prêmio da APTR, Associação de Produtores de Teatro do Rio de Janeiro.

Atuando também como escritor, a partir de 1982, Nei é autor, entre outras, de obras relevantes do ponto de vista musical, como os livros *O Samba, na Realidade* (ensaio, Ed. Codecri, 1981) *O Negro no Rio de Janeiro e Sua Tradição Musical* (ensaio, Pallas, 1992); *Zé Kéti; o samba sem senhor* (Coleção Perfis do Rio – Relume Dumará, 2000), *Sambeabá: o samba que não se aprende na escola* (Casa da Palavra/Folha Seca, 2003); *Partido-Alto, samba de bamba* (ensaio, Pallas, 2005); *Dicionário da História Social do Samba* (com Luiz Antonio Simas – Civilização Brasileira, 2015 – Prêmio Jabuti; Livro do Ano não ficção).

Por seu trabalho como intelectual e artista, além de homenagens em âmbitos municipais e estaduais, em novembro de 2005 Nei Lopes recebia, do Governo Brasileiro, a Ordem do Mérito Cultural, no grau de comendador; em 2013 recebia a Ordem de Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores, no grau de cavaleiro; em

2012 recebia o titulo de Doutor *honoris causa*, concedido pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, recebendo titulação de igual teor em 2017, por outorga da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,